



**O ESTOICISMO CLÁSSICO E O HUMANISMO DE MONTAIGNE COMO FONTES
PARA UM FUNCIONAMENTO PSÍQUICO EQUILIBRADO**
**CLASSICAL STOICISM AND MONTAIGNE'S HUMANISM AS SOURCES FOR
BALANCED PSYCHIC FUNCTIONING**

LIMA, Alan Freire de¹

RESUMO

O principal objetivo desta pesquisa científica é descrever, analisar e tentar interseccionar certos pensamentos a respeito de determinados assuntos cujo epicentro é a vida e seus dilemas apresentados por alguns dos principais filósofos estoicos da antiguidade clássica, destacando especialmente a ataraxia, apatheia, eudaimonia, racionalidade dentre outros conceitos deste ramo filosófico pelo Sêneca e Epicteto; do filósofo seiscentista Espinosa, assim como do pensamento e das contribuições do filósofo francês Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592), sobre sua eminente obra Ensaaios. O pensador foi um filósofo francês renascentista e escritor erudito. Montaigne tinha um caráter humanista e cético, ele é considerado como o precursor do estilo literário ensaístico. Séculos que nos separam, sua época coincide com a incipiente grandes navegações europeias no século XVI a obra de Montaigne comunica diversos aspectos da vida em uma profunda introspecção, como um verdadeiro cético, faz a reflexão sobre si mesmo, suas concepções epistemológicas, auto-observação que se aproxima em certa medida da autoanálise da psicanálise, suas ideias e legados de sua época moderna tem uma ressonância avançada que influenciam os filósofos, psicanalistas, psicólogos, educadores, cientistas, pedagogos e humanistas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Filosofia. Psicanálise. Psicologia. Montaigne.

¹ Doutor em Psicologia pela European International University - EIU (Paris, França); Doutor em Antropologia e Religião e Antropólogo pela Logos University International - UNILOGOS (Paris, França) e (Miami, Florida, Estados Unidos da América). Pesquisador científico Logos University International - UNILOGOS (Paris, França). Pós-graduado Lato Sensu em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-graduado Lato Sensu em Filosofia pela Faculdade Souza (FASOUZA). Graduando em Licenciatura em Letras Inglês pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Graduado em História pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNICV). Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNICV). Graduado em Artes Visuais pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNICV). Graduado em Antropologia e Religião e Antropólogo pela Logos University International - UNILOGOS (Paris, França) e (Miami, Florida, Estados Unidos da América). Graduado Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP). Editor Científico da Revista ACB - ISSN: 1414-0594. Editor Científico da Revista Cognitionis Scientific Journal ISSN: 2595-8801. Psicanalista Clínico membro da Associação Brasileira de Psicanálise - ABP sob o registro: 10.213. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1013-9546>. E-mail: alan.lima79@edu.pucrs.br

ABSTRACT

The main objective of this scientific research is to describe, analyze and try to intercept certain thoughts regarding certain subjects whose epicenter is life and its dilemmas presented by some of the main Stoic philosophers of classical antiquity, highlighting especially ataraxia, apatheia, eudaimonia, rationality among other concepts of this philosophical branch by Seneca and Epictetus; of the 17th century philosopher Spinoza, as well as the thought and contributions of the French philosopher Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592), on his eminent work Essays. Michel Eyquem de Montaigne was a French Renaissance philosopher and scholarly writer. Montaigne had a humanist and skeptical character, he is considered as the precursor of the essayistic literary style. Centuries that separate us, his time coincides with the incipient great European navigations in the 16th century, Montaigne's work communicates different aspects of life in a deep introspection, like a true skeptic, he reflects on himself, his epistemological conceptions, self-observation which approaches to a certain extent the self-analysis of psychoanalysis, its ideas and legacies of its modern era have an advanced resonance that influence philosophers, psychoanalysts, psychologists, educators, scientists, pedagogues and humanists in contemporary times.

Keywords: Philosophy. Psychoanalysis. Psychology. Montaigne.

INTRODUÇÃO

O filósofo francês Montaigne tinha a capacidade de se persuadir, e uma das suas máximas é que o único conhecimento digno de valor é aquele que se adquire por si mesmo, algo inédito para aquela época. Lemgruber (2014, p. 74) demonstra certas aproximações entre o pensamento de Montaigne e Sigmund Freud no que tange o inconsciente e sobre as limitações da razão humana a um conhecimento definitivo sobre as coisas. Assim como o deslocamento da função do "outro como espelho" cedeu lugar a um autoconhecimento derivada da autoanálise, partindo daí para uma observação, análise, descoberta e conhecimento dos fenômenos psicológicos e sociais alicerçadas em seu ceticismo ativo, que se desdobra em uma crítica radical dos costumes, da mentalidade, dos saberes e das instituições sociais da época.

Almeida e Vieira (2018, p. 309) afirmam que Montaigne foi profundamente influenciado pelo estoicismo, um dos mais ilustres estoicos é Zeno ou Zenão de Cítio, foi um filósofo helenístico da Grécia Antiga, fundador do estoicismo, nasceu em Cítio, na ilha de Chipre, lecionou em Atenas, onde fundou a escola filosófica estoica por volta de 300 antes da era comum, ou no século III antes da era comum, era um rico mercador da cidade de Cítio, no Chipre. Zeno foi para Atenas, após sobreviver a um

naufrágio em que perdeu tudo o que possuía, então, neste novo ambiente com uma riqueza cultural ímpar, conheceu as filosofias de Sócrates, Platão, Aristóteles e seus discípulos.

Pelo fato de Montaigne ter sido influenciado pela filosofia estoica, desenvolveremos o pensamento montaigniano concomitantemente com os pensamentos de alguns dos principais filósofos estoicos da antiguidade clássica, assim como com as contribuições de filósofos e pensadores de outros períodos e movimentos filosóficos de forma a aprofundar a reflexão aos objetivos em questão.

O que se propõe neste trabalho é interpretar alguns aspectos dos Ensaios que demonstram a autoinvestigação da consciência, cognição e subjetividade. Assim como recorrer a elementos de alguns ensaios de Montaigne. Neles, Montaigne adentra nos meandros da consciência, da cognição e do pensamento, demonstrando nuances e matizes da subjetividade.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a presente pesquisa foi qualitativa com uma abordagem exploratória crítico-reflexiva, a revisão bibliográfica foi alicerçada nas teorias de filósofos estoicos como Sêneca e Epicteto, o humanismo renascentista de Montaigne, o seiscentista racionalista metafísico Espinosa, dentre outros pensadores e pesquisadores.

INTERSECÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE MICHEL MONTAIGNE E DE OUTROS FILÓSOFOS: UM BREVE PANORAMA

Montaigne (1984, p. 192) em sua obra Ensaios dedica o capítulo X "Dos Livros" faz reflexões a respeito de como a leitura e a escrita atingem os seus objetivos com relação a manifestação do seu pensamento como também ao contínuo desenvolvimento do seu autoconhecimento, sem pretensões de ser um exemplo em fazer citações no corpo teórico da sua obra, assim como evita "quebrar a cabeça" na busca de fontes e citações bibliográficas, e que seu trabalho é uma forma de comunicar o seu universo interior, tanto individual como das suas experiências sociais

da sua época, nos próprios capítulos desvelam os assuntos sobre os quais aborda, contudo a sua visão humanista, crítica e pessoal é presente sobre cada factual e social comentado e elaborado.

O estilo literário que o filósofo mais aprecia é a historiografia, que segundo ele os historiadores perfeitos são aqueles tem inteligência peculiar do que deve ficar como legado a ser transmitido para a humanidade, o historiador com um olhar cirúrgico consegue fazer com que o filósofo penetre e conheça com nitidez e transparência suficiente de encontro com o homem com verossimilhança necessária tanto nos detalhes, pormenores como no seu conjunto e holisticamente.

A opacidade da consciência é algo criticado e combatido por Montaigne, o filósofo antecipou em cinco séculos o que hoje conhecemos como uma filosofia uma forma de pensar, isto é, a filosofia em uma forma de expressão, linguagem e pensamento mais próxima do popular, o que coaduna com o seu caráter humanista e cético, sem deixar de lado o seu estilo crítico e antidogmático.

O capítulo primeiro da sua obra Ensaaios de Montaigne "Por diversos meios chega-se ao mesmo fim" (1984, p. 9), o autor desvela como o próprio título sugere que por diversos meios se alcança o mesmo objetivo, exemplificando que tanto a demonstração de submissão, comiseração e piedade, assim como pela bravura e tenacidade podem surtir os mesmos efeitos sobre aquelas pessoas que nos ofendem, a de comovê-los amolecendo os seus corações, cujos meios são extremamente opostos, cujos resultados podem ser exatamente os mesmos, isto é, idênticos, ou semelhantes.

Para Montaigne (1984, p. 13) erros não ocorrem quando um indivíduo conhece a si mesmo, e acrescenta que "lamentavelmente" nunca estamos em nós, pensamentos e preocupações nos colocam sempre para além de nós mesmos, a ansiedade, o desejo, o temor e a esperança, por exemplo, nos jogam sempre para o futuro, é aquilo que o filósofo diz, nós sonegamos o sentimento do presente e do que realmente somos, é um perpétuo estado do não ser, não somos, não sejamos mais. O autor afirma que: "Todo espírito preocupado com o futuro é infeliz".

Conhecer-te a ti mesmo, é fazer aquilo que foi feito para fazer. Só com verdadeiro e pleno conhecimento de si mesmo ensinará para qual aptidão fomos feitos, quem põe em prática aquilo para o qual foi feito, detêm a nitidez do conhecer a

si mesmo, em outras palavras, só através do processo introspectivo de conhecer a si mesmo é que o sujeito saberá quem realmente é e para quais aptidões é apto.

Não se trata de um predeterminismo, muito pelo contrário, se trata de ato de libertação, pois quem conhece a si mesmo, logo faz aquilo com que se identifica, não erra no seu ofício, ou seja, a sua capacidade tem potencialidade máxima e o indivíduo passa então a se apreciar, a gostar de si mesmo, desprezando ocupações supérfluas, os pensamentos, projetos e ações inúteis.

Espinosa (1983, p. 43) aponta que não havia nada de bom nem de mal nas coisas que o cercava, nada era motivo para abalá-lo, mesmo aqueles elementos que o causava temor e o que tecia o seu cotidiano, tudo lhe era vão e fútil, que de acordo com o filósofo este seu ponto de vista era oriundo das experiências o ensinou.

Entretanto, o filósofo revela que a partir do princípio de que não havia nada de bom e de mal nos fenômenos culturais, sociais, nos objetos, nos dogmas dentre outros fatores que o circundavam senão enquanto o ânimo se deixava se afligir por estes últimos.

Espinosa procurou filosoficamente indagar se existia algo que fosse efetivamente o bem verdadeiro, se existia alguma coisa, que achada e obtida desse para o filósofo algo que sempre proporcionasse de forma permanente o gozo de uma alegria suprema e contínua, embora o pensador considerasse tal procura incerta.

Segundo o pensador as pessoas as procurassem por meio de honrarias e riquezas, mas que tal busca, a busca pela felicidade verdadeira, poderia ser alcançada se abstendo das coisas materiais, riquezas, honrarias e concupiscências; considerando estas últimas como fontes de distrações para a mente humana da verdadeira fonte da felicidade.

Para Espinosa especificamente no que concerne às consequências que a concupiscência causa na mente humana, devido a concupiscência o psicológico do sujeito fica tão envolvido, possuído como se fosse um bem material, transfigurando a mente de tal maneira, o obliterando de pensar em qualquer outra coisa, alienando o sujeito de buscar a verdadeira felicidade, isto é, da real fonte de prazer que não se iguala como com a concupiscência, que após a fruição do prazer, segue-se a tristeza.

Enfim, a concupiscência é compreendida pelo autor como uma fonte de distração, e da dualidade prazer-dor, ou seja, felicidade-tristeza. Espinosa

acrescenta que as fontes de todas felicidades e infelicidades são frutos da qualidade do objeto, qualidade esta atribuída de significado pelos seres humanos:

Esses males pareciam provir de que toda felicidade ou infelicidade consiste somente numa coisa, a saber, na qualidade do objeto ao qual aderimos pelo amor. Com efeito, nunca nascem brigas pelo que não se ama, nem haverá tristeza se perece, nem inveja se é possuído por outro, nem temor nem ódio e, para dizer tudo em uma só palavra, nenhuma comoção da alma; coisas que acontecem no amor do que pode perecer, como tudo isso que acabamos de falar (ESPINOSA, 1983, p. 44).

Entretanto, Espinosa (1983, p. 44) pondera sobre a reflexão sobre este novo empreendimento, para que fosse plenamente alcançado como um projeto de vida pelo ser humano, mesmo que este projeto fosse realizado, ainda assim não poderia se desfazer de toda avareza, concupiscência e glória; o que mudaria seria o tempo empreendido com relação a uma busca única e limitada às honrarias, riquezas e, concupiscências.

O pensador assevera que mesmo se abstendo de todas estas coisas em si, não seria o suficiente sem uma mudança de conduta em empreender na busca daquele algo que tem como atributo a infinitude, concomitantemente que alimenta e nutre a alma de uma pura alegria, sem espaço para a tristeza, o sujeito deve se deter naquilo que se deveria desejar bastante e procurar com toda a sua energia.

Na obra Ensaio de Montaigne (1984, p. 115-116) o fim que almejamos quando buscamos a solidão é possivelmente viver a vida mais à vontade de forma a nos agradar e não agradar aos outros como costumeiramente se faz; a questão é encontrar o caminho certo para viver de forma satisfatória, cujo caminho condutor é a solidão e isolamento no sentido positivo da vida, com fins a alcançar a vida plena através do autoconhecimento, por meio da autopersuasão.

A autopersuasão é um estratagema ou esquema de influência sutil, onde a mudança de pensamento, atitude ou comportamento do indivíduo é induzida de maneira indireta, levando a pessoa a questionar, indagar e a convencer a si mesma.

O pensador afirma que regularmente, imaginamos ter abandonado qualquer ocupação, porém o que apenas foi mudado foi a atividade, a título de exemplificação, trabalhar e fazer a gestão de atividades domésticas não causam menos aborrecimentos que o trabalho do Estado, isto é, ao que quer se entregue o espírito se envolva por inteiro a uma atividade. Ainda assim ao renunciar a uma posição ou

trabalho governamental ou aos negócios, não nos defende dos principais tormentos da vida.

Para Montaigne o que relativamente nos abriga das intempéries da vida são a *prudência* e a *razão*, e não são as praias com o seu horizonte e a imensidão do mar, que dissipam a tristeza, o mal-estar. A concupiscência, a ambição, a avareza, a indecisão, a preguiça, o medo e a preocupação não nos deixam meramente porque mudamos de lugar, a preocupação estará conosco onde quer que estejamos e, por qual meio que nos desloquemos seja por barco, navio, cavalo, e assim por diante.

Esses sentimentos se farão presentes inclusive nos claustros das escolas filosóficas, não há lugares ou espaços e jejuns que nos libertem como o autor menciona "a seta mortal contínua presa a seus flancos". Quantas preocupações aflitivas, quantos temores, quantas inquietações minam o homem prisioneiro de paixões! Que desastres produzem em nosso espírito o orgulho, a luxúria, o status, a cólera, a moleza e a preguiça! Conforme o pensador, sentimentos esses oriundos das relações sociais destrutivas e que consomem o indivíduo ao seu autoconhecimento por meio da solidão para o seu crescimento pessoal desligado do materialismo, sentimentos negativos, viciantes e derivados das estruturas e relações sociais e/ou humanas, e todo o mal que assola a humanidade. (Montaigne, 1984, p. 116).

Perante o exposto, o filósofo desvela que o nosso mal está dentro da alma, ou seja, está dentro de nós mesmos e não somente de fora, e esta não pode escapar de si própria. É fundamental, pois, ceifá-la para que então nos encontremos em nós mesmos.

É nisso que se fundamenta a verdadeira e desejada solidão, que se possa gozar em vários lugares, mas que será melhor gozada no isolamento. Se projetamos e desejamos viver sozinhos longe de todos, façamos que nossa satisfação só provenha de nós. Destruamos tudo o que nos prenda aos outros, arranremo-nos de forma a viver efetivamente sós, e nesta circunstância inédita que nos livraremos das relações humanas degradantes e alienantes de nós mesmos, logo sem mais preocupações.

Com a máxima de Montaigne (1984, p. 116) "o sábio nada perde em conservando a posse de si mesmo", o que o teórico desvela neste prisma é que a felicidade reside muito além das posses, riquezas, honrarias, luxos, família e

principalmente saúde; o indivíduo não deve ficar restrito a isso a ponto de comprometer a conquista ao estado de felicidade.

Cumpra, pois, selecionar os tesouros que possam ser acondicionados de quaisquer avarias e ocultados em um local fora do alcance de qualquer pessoa e que somente nós mesmos podemos revelar e usufruir. Do ponto de vista ético, quando ocorre a perda de coisas tangíveis importantes, não serão tão impactantes quando as maiores riquezas que realmente o faz rico, os bens que o faz bom, continuarão intactos como componentes da sua fortaleza existencial e mental.

É essencial ter como reserva um latíbulo próprio, particular e independente, onde sejamos livres em toda a acepção da palavra, que seja o nosso precípuo retiro no qual estejamos totalmente sozinhos, só então nos entreteremos de nós com nós mesmos, e a esse diálogo, que não versará nenhum outro assunto, ninguém será admitido, é o eu somente com o eu, num espaço e presente hodierno, desprendido das aflições e tormentos do passado e do futuro.

Este estratagema de mudança mental exige *prudência* e *racionalidade* como comprovamos no pensamento de Montaigne, alcançando desta maneira um nível de introspecção e um novo estado mental no qual se perdermos todas as coisas materiais e humanas (propriedades, títulos, cargos, posições, familiares, parentes etc) não nos afetariam tanto as respectivas carências, a (não) falta destes elementos materiais e fatores humanos, do que "não faz mais falta". Há a necessidade de uma alma suscetível a se recolher, a se contentar com a sua própria companhia, sê para ti mesmo o mundo.

Daí advém a verdadeira concepção de virtude, que é a de satisfazer-se com ser (não em ter), sem necessidades de regras, palavras e consequências. É exatamente o oposto das ocupações habituais para as quais somos condicionados, como exemplo um "militar" a servir a um fulano ou beltrano de uma posição dominante que nunca viram fulano ou beltrano de outro lugar que desejam combater-lo, e que não se importam sequer com seus feitos efêmeros, e que depois da batalha estes fulanos e beltranos de posições dominantes mergulham nos vícios, ócios e prazeres-tristezas decorrentes de uma sociedade superficial e fútil, enquanto os demais em ocupações habituais ficam tristemente em estado cadavérico, desgastado, esfomeado, coberto de cicatrizes e fadados a morrerem em nome do nada.

Outro exemplo típico e corrente do que foi teorizado, é daquele que vês sair depois de meia-noite de seu escritório de estudos, carregado de pituita, miseravelmente vestido, olhos doentes, imaginas que passou a encontrar nos livros o que corresponde fazer para se aperfeiçoar no bem, para se comprazer com a sorte e avançar em sabedoria? "Nada disso!" Morrerá no ofício ou terminará revelando a posteridade o ritmo em que se escreveram os versos de Plauto ou a verdadeira ortografia de determinada palavra latina.

O filósofo declara que a própria morte já nos inspira suficiente terror, tal flagelação descrita desvela a que ponto que homem chega para construir uma reputação! Como o homem pode amar mais alguma coisa do que a si mesmo?

A saúde, o repouso e a verdadeira vida, repousa em outros valores, a solidão parece ao autor como algo particular indicado, o caminho necessário para se alcançar uma qualidade mínima e decente de vida, aos que consagram à humanidade a mais bela parte de sua vida, a arte de existir e viver, a mais ativa e produtiva como escolheu Tales.

Para Montaigne já vivemos bastante para os outros, que vivamos para nós mesmos, cujo tempo que nos resta é curto, isolemo-nos, e na serenidade, rememoremos nossos pensamentos, reflexões e nossas intenções vividas versus a desejada; o autor assevera que é em um estado de reavaliação psicológica da forma que vivemos, implantando às mudanças essenciais em uma latibula conscienciosa, que preencherá o tempo o suficientemente a ponto de não nos metermos em outros empreendimentos viciantes e adoecedores visando o desejo dos outros.

Deus nos proporcionou lazeres, que o usufruamos. Com antecedência "digamos adeus" a todos, despedida de forma metafórica, pois não podemos perder o nosso tempo com as "perdas" fúteis das relações humanas; que nos desatemo-nos desses compromissos que nos ligam a outrem e nos distraem de nós mesmos. A coisa mais importante do mundo é ter a competência de pertencer a si mesmo.

Já é momento de nos retirarmos da sociedade em virtude de nada mais lhe possamos oferecer, em outras palavras, quem não está em situação de emprestar não pode pedir emprestado. Só nos faltam forças, recolhamos e recuemos. "É raro, com efeito, que alguém saiba respeitar-se suficientemente" (Montaigne, 1984, p. 117).

Segundo Epicteto (2018, p. 32) um filósofo estoico demonstra que a excelência e os triunfos de outras pessoas às pertencem, não temos relações com as realizações delas, a sua excelência pessoal não deriva das coisas que você possui. O que o filósofo quer dizer é que determinado mérito pessoal não deriva das relações com pessoas de mérito, não são adquiridas por estes últimos.

Quem pode criar o próprio mérito é o próprio indivíduo. O pensador alerta faça seu trabalho sem a expectativa de honrarias ou a admiração que vem dos outros. Para o filósofo não existe mérito indireto, em outras palavras, não existe mediação e/ou doação/transferência meritocrática, aquilo que ele denomina de mérito indireto através de honrarias ou admiração.

E guia sobre o que realmente é seu, a saber: se você tem ideias qual o uso que você faz delas; se possui livros, os leia, desenvolva habilidades e sabedoria por meio da leitura e os aplique; se surgirem recursos e oportunidades às aproveite de forma mais adequada; se você tem especializações e ferramentas, faça bom uso deles, e construa ou conserte coisas com elas, respectivamente; se você tem uma boa ideia persista sempre até alcançar o seu objetivo. A partir destas explanações e as aplicando: "Você ficará merecidamente feliz e à vontade consigo mesmo quando harmonizar as suas ações com a natureza reconhecendo o que é verdadeiramente seu" (EPICTETO, 2018, p. 32).

Sêneca (2007, p. 21-22) em sua obra "A brevidade da vida" no capítulo 2 "Modelos negativos de vida" afirma que a vida é longa desde que se saiba como usá-la. Para o pensador a vida fica abreviada tanto por causa da inveja pela fortuna alheia, assim como por aqueles que detêm riqueza e tomados pelo afanoso cuidado pela própria, são situações que tomam tanto tempo que parecem encurtar ou limitar o indivíduo a uma única atividade ou a algumas atividades que são quase que invariavelmente redutoras do tempo e do sentido da vida do sujeito.

Sêneca destaca modos de vida que permeados por "vícios", hábitos, pensamentos e comportamentos que trazem insatisfação para com a vida dentre os quais o filósofo menciona aqueles que se apoderaram-se por uma avareza insaciável, outros que se dedicam diligentemente a atividades voltados a trabalhos fúteis, outros em drogas, outros em inércia que leva a tristeza, fraqueza e enlaguescência, outros para com a avareza do comércio, aos que se rastejam em complacente servidão dado

que é exagerado seu obséquio nas suas relações com os superiores hierárquicos, outros ainda sem projetos e vida autênticos, procuram tarefas superficiais não alinhadas a própria pessoa, sendo displicente consigo próprio.

Assim como Espinosa no século XVI assinalou sobre a excessiva importância dada pelo ser humano "às honrarias, poder político e econômico e a concupiscência", Sêneca em uma época muito anterior, na antiguidade clássica desvela que o ser humano ficam atados a concupiscência de tal modo que o sujeito não se volte para si mesmo: "Os vícios incitam e acorrem de todos lados sem permitir que os olhos alcem-se para contemplar a verdade, já que os retém submersos e presos à concupiscência que nunca permite que eles se voltem para si" (SÊNECA, 2007, 22).

Ao filósofo Sêneca, cuja parábola dos oráculos "Pequena é a parte da vida que vivemos", na qual Sêneca corrobora que de fato toda nossa existência é constituída por mero tempo, e não de vida. Não somente para aqueles que anseiam possuir riquezas, mas como aqueles que as possuem são asfixiados pelos seus bens, são invejados e admirados pela prosperidade, mas que são onerosos e objeto de cobiças.

Dentro deste prisma dentre os despossuídos quanto aos que possuem riquezas há muitos que se desconfiguram em virtude das suas voluptuosidades. Outros com um desmedido afluxo de clientes que não lhes sobra um momento de tranquilidade, sem um instante livre para si, pensamento análogo ao demonstrado por Montaigne.

Em consonância com Sêneca (2007, p. 22-23), qualquer um se desgasta em atender outras pessoas, ninguém pertence a si mesmo, que da lista de nomes de pessoas notórias, famosas e conhecidas por todos, poderás confirmar que estão assinalados por estes signos, a saber, um dá atenção para outrem, mas ninguém dispõe de um tempo para si mesmo, é como se fosse um autodesprezo, uma autodepreciação existencial muito grave.

Um dos efeitos colaterais mais característicos deste tipo de pensamento e comportamento é a tresvaria da indignação, irritação e revolta de alguns, estes reclamam do aborrecimento da parte dos seus superiores de tempo para responder aos que os procuram, quando deles se aproximam e requerem atenção. O que para Sêneca é uma grande contradição, pois se a pessoa reclamante não dispõe de um instante livre para si, como pode exigir tempo, ou da altivez do outro.

Em outras palavras o que o filósofo quer esclarecer é que não há razão, por conseguinte, para teres um outro agradecido pela tua atenciosidade, disponibilidade e serviços, pois quando lhe destes certa atenção, foi não para estar próximo dele, mas sim, porque não toleras a si mesmo, uma pessoa indigna de olhar e nem escutar a ti mesmo. Reflexão completamente relacionada com o pensamento montaigniano.

Segundo Montaigne (1984, p. 451) as faculdades, ou as aptidões e capacidades do indivíduo não lhes são úteis, ao menos a quem eles desejam se escravizar, isto é, o sujeito se aluga, são locatários que vivem a sua vida, e não o possuidor da própria vida. Uníssonos ao filósofo os indivíduos que se deixam empolgar pela atenção do outro, se tornam presas tanto de pequenas como de grandes coisas, concomitantemente das coisas que lhes dizem e das coisas que não lhes dizem respeito.

Se imiscuem, se intrometem e se envolvem em tudo que puderem, e não vivem onde não se podem agitar. É aquilo que o pensador exprime da seguinte maneira, quando o homem busca trabalho não é porque ele quer realizar determinado trabalho, mas porque não pode, ou não tem condições de trabalhar naquilo que lhe seria mais apropriado, ou próprio, como não pode parar a pedra que rola, antes de tocá-la no chão.

Para determinados sujeitos ocupar de coisas é como dar capacidade e dignidade, seu espírito busca inação no movimento, que se desdobra em ser tão útil e oportuno aos outros, como tão importuno e inútil a si mesmo.

Distribui todo tempo e sua vida, no entanto ninguém distribui dinheiro, ao contrário, busca-se todas as formas aumentar o seu capital financeiro, o homem é pródigo em relação a esta última, mesmo a avareza deveria ser poupada, para poder dar mais espaço e tempo livre a si mesmo.

Montaigne afirma que por temperamento é completamente diferente do modelo do que foi exposto, o autor tem a si mesmo, sem nada a ambicionar de forma excessiva, e é desta mesma forma que lida com o trabalho. Em relação à saúde, doenças, dores e paixões o autor sugere que deve-se resguardar e ponderar:

Devemos resguardar-nos igualmente do ódio à dor, e do amor ao bem-estar; é o que recomenda Platão. E aos afetos que me distraem de mim mesmo e me induzem a apegar-me aos outros, oponho-me com todas as minhas forças. Acho que devemos emprestar-nos aos outros e dar-nos a nós mesmos (MONTAIGNE, 1984, p. 451).

De acordo com Paulo Freire (2011, p. 78) a miséria é uma forma de violência e não expressão do comportamento das classes sociais desfavorecidas ou fruto da mestiçagem, ou até mesmo de cunho teológico como a vontade punitiva de Deus, a violência se torna um objeto cujo qual se deve lutar e combater. Para o autor não se pode perceber no mundo de forma alienante e passiva, cuja forma se constitui de forma alheia ao sujeito, não se pode renunciar a cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo. Trata-se de assumir uma posição, ou cuja presença no mundo é a de quem se insere nele, não a de quem se adapta dócil e subserviente.

Em consonância com o filósofo (2011, p. 52) o destino de cada indivíduo não tem um destino dado, no entanto, algo que precisa ser feito, cuja responsabilidade não se pode eximir, o gostar de ser humano, se amar, é um conjunto de elementos com as quais se constrói historicamente com os outros, e de cuja constituição cada um de nós toma parte é um tempo de possibilidades, e não de um determinismo, daí a obstinação na problematização do futuro e a negação da inexorabilidade.

É explícito o caráter social que Paulo Freire expõe em seus trabalhos de cunho filosófico, crítico e reflexivo, que é através do método dialógico e na leitura do mundo antes da leitura da palavra que se constrói um conhecimento verdadeiro, verdadeiro porque é crítico e embasado na realidade contextual.

De acordo com Montaigne (1984, p. 76-78) o pensador exprime que não é um ser imutável em consonância a Freire, Montaigne não esconde inépcias que passam pela sua mente, como pode acontecer com qualquer pessoa, afirmando que expõe seus sentimentos e opiniões, ele como filósofo os concebe, e não os concebem os outros. Magnanimamente o filósofo afirma que percebe à razão por si próprio, cujo objetivo é analisar a si mesmo, tudo o mais é estático, a forma com a qual a análise é feita hoje, poderá ser futuramente bem diferente da de hoje, se novas experiências forem vivenciadas causarão prováveis mudanças de percepções e de pensamento.

Assim como Montaigne afirma que suas análises e reflexões atuais poderão não ser exatamente idênticas em outro momento, uma concepção não estática e/ou determinista de pensar, assim como Para Freire (2011, p. 52) faz críticas ao determinismo, algo muito em comum com a teoria antropológica que tem como definições o não determinismo, difusão cultural e o relativismo cultural, aquilo que Paulo Freire chama de gostar de ser homem, de ser gente, por saber que a

existência e a passagem pelo mundo não é algo predeterminado ou preestabelecido de forma fatalista. O filósofo adverte que não pode impedir que os oprimidos com os quais trabalha votem em políticos reacionários, mas os adverte da contradição, do erro e das consequências diante de tal decisão.

Montaigne não nega o aspecto humano de cada ser humano, de ser gente, e não nega a possibilidade de gostar de pessoas, mas é exatamente nisso que se enquadra a questão de colocar limites nas relações humanas, nos pormenores da vida, nas fases da vida e no contexto a qual o indivíduo está inserido, e estabelecer uma visão crítica de realidade e da condição a qual foi submetido por uma cultura social de classes e submissões impostas aos indivíduos.

Paulo Freire, um dos maiores pensadores brasileiros, em suas obras mesclam teorias com essências e fundamentos filosóficos, sociológicos, antropológicos e educacionais, cujas teorias abarcam questões do ser e do não ser (anulação/opressão), de ensinar e de aprender, de pensar criticamente, dialogar aquilo que se ensina com o propósito de se aperfeiçoar e adequar o conteúdo e temas geradores para a formação de um sujeito ativo e não somente passivo no processo educacional, como também para a vida. Ao pensador ser gente é se reconhecer como inacabado, que está condicionado e não determinado a uma determinada estrutura e cultural social, visão esta análoga a de Montaigne, Sêneca dentre outros pensadores.

Gosto de ser gente porque, inacabado, posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção da minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo "Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença (FREIRE, 2011, p. 52-53).

Montaigne deixa claro quando debruça sobre o tema educacional de forma crítica e consciente, refletindo que pela sua autoanálise se percebe mal instruído, como um ser inconcluso, não se percebe na autoridade de impor a sua maneira de ver, revelando que nem o deseja, pelo fato já mencionado não é cabível ao teórico a audácia instruir alguém, mesmo uma criança. Para o pensador o maior e mais importante desafio das ciências humanas é exatamente no que tange à educação e

instrução de um ser humano na sua infância, a educação infantil é uma das maiores dificuldades da ciência humana, algo que entra em concordância com o pensador Paulo Freire.

Para Epicteto (2018, p. 12) liberdade e a felicidade encetam com a nítida compreensão de um princípio, cujo princípio estabelece que determinadas coisas estão sob nosso controle e outras não. Aceitando essa premissa, a partir de então é que a tranquilidade interior e a eficácia exterior tornam-se viáveis. As coisas que estão sob nosso controle ou domínio são os nossos pensamentos, desejos, opiniões, aspirações e as coisas que causam repulsas e desgostos.

Frequentemente possuímos comumente a possibilidade de escolha quando se refere a um conteúdo e da natureza de nossa vida pessoal e interior. Já as coisas que fogem do nosso controle são o corpo que temos, embora o possuamos é mais difícil, mas não impossível de efetuar-se mudanças nele, se nascemos ricos, ou se surgir uma sorte grande e enriquecer de repente, e outra coisa mais longe ainda do nosso alcance é a forma como somos vistos e julgados pelos outros, e a nossa posição na sociedade. A tentativa de controle e de mudança das coisas que não podemos mudar resulta em angústia, aflição e sentimento de fracasso.

O filósofo alerta que qualquer tentativa de domínio total sobre o que está fora do controle do indivíduo, ou a tentativa de tomar para si as questões de outros como se fossem suas, sua busca será deturpada e a pessoa se tornará ansiosa, frustrada e com tendência a críticas excessivas aos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme refletimos nesta pesquisa, Montaigne e Espinosa privilegia que as pessoas deem mais tempo para si do que se entregarem aos outros, e que gostem mais de si do que das honrarias, posições sociais, cargos, concupiscência, paixões, vícios e demais pensamentos e comportamentos degradantes que gera uma falsa felicidade, sendo que esta é uma felicidade-tristeza, pois logo de desvai, são convenções sociais que a sociedade impõe às pessoas. Nada disso para o pensador gera valor, felicidade, satisfação e realização plena, somente afasta o indivíduo de si mesmo, de se conhecer melhor para tomar as decisões mais adequadas que

aconteceria de forma plena através do isolamento e a solidão com vistas a eliminar a infelicidade humana.

Se a ausência lhe apraz, o contenta e/ou lhe é útil, transfigura-se ela logo mais aprazível e profícuo a mim do que sua presença, desde que tenham a viabilidade de se comunicarem, não se trata de um desprezo, a esta separação cada um dos amigos exercitariam e aproveitariam de forma frutífera as suas vontades, cada um da sua maneira para seu próprio lado. Já o desejo insaciável da presença física do outro revela uma fraqueza na aptidão e capacidade de gozo dos espíritos.

Montaigne buscava uma nova linguagem e defendia a arte de formular a dúvida, mantendo um recuo crítico diante do dogmatismo. Montaigne tentava pintar seu próprio autorretrato, desfazendo-se para o público na ausência e solidão de si mesmo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogerio Miranda de; VIEIRA, Fabiano de Mello. O sujeito, o prazer e o gozo na pós-modernidade uma leitura a partir de Montaigne e Freud. Sofia, Espírito Santo, Brasil, v.7, n.2, p. 305–321, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/19486>. Acesso em: 28 fev. 2025.

EPICTETO. A arte de viver. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

ESPINOSA, Baruch de. Tratado da correção do intelecto. São Paulo: VICTOR CIVITA, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e terra, 2011.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. A atualidade de montaigne. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), [S. l.], n. 21, p. 72–88, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4629>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. Ensaios de amizade e outros textos. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. Ensaios. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/wp-content/uploads/2024/04/Montaigne-Ensaios-Os-pensadores.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.

SÊNECA, Lucius Annaeus. A brevidade da vida. São Paulo: Escala, 2007.